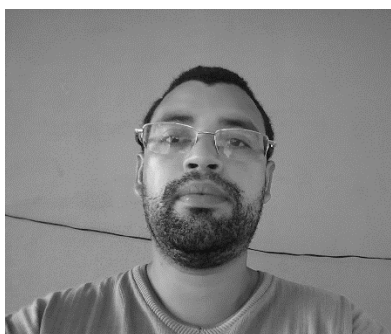


UMA TEODICEIA IRENEANA: AS CONTRIBUIÇÕES DE JOHN HICK ACERCA DO PROBLEMA DO MAL

AN IRENAEAN THEODICY: JOHN HICK'S CONTRIBUTIONS
ON THE PROBLEM OF EVIL

JOSÉ ARISTIDES DA SILVA GAMITO (*)



(*) José Aristides da Silva Gamito, bacharel em filosofia pela Faculdade João Calvino, Barreiras (BA), mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (ES). Professor de Teoria do Conhecimento no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, Caratinga (MG).

e-mail: joaristides@gmail.com

Resumo

Em sua obra *Evil and the God of Love*, John Hick classifica as teodiceias em agostinianas e ireneanas. A partir dos ensinamentos de Ireneu de Lião, Hick desenvolve uma teodiceia que compreende o mal como um propósito divino para estimular o homem a evoluir moralmente e tomar a consciência de sua semelhança com Deus. Hick contrapõe a teodiceia ireneana a agostiniana por considerá-la mais plausível por admitir a relação de Deus com a origem do mal.

Palavras-chaves: Teodiceia, mal, liberdade, Deus.

Abstract

In his work *Evil and the God of Love*, John Hick classifies theodicy in Augustinian and Irenaean. From the teachings of Irenaeus of Lyon, Hick develops a theodicy that conceived the evil as divine purpose to stimulate man to evolve morally and to become aware of his likeness to God. Hick contrasts the Irenaean to the Augustinian one for considering it more plausible because it to admit the relation of God with the origin of the evil.

Keywords: Theodicy, evil, freedom, God.

INTRODUÇÃO

A coexistência do mal e de um deus um bondoso é, sem dúvida, um dos maiores problemas filosóficos e teológicos. A relação entre esses dois princípios é uma equação difícil de ser explicada racionalmente. Porém, temos de enfrentá-la até esgotar nossas justificativas racionais antes de recorrer ao mistério (QUEIRUGA, 2001, p. 309).

Dentre várias respostas ao problema da existência do mal no mundo, revisitamos a teodiceia ireneana desenvolvida por John Hick na obra *Evil and the God of Love* (1966). John Hick afirma que os esforços no cristianismo para a resolução do problema do mal podem ser classificados basicamente em duas perspectivas: As teodiceias agostinianas e ireneanas. A visão de Agostinho considera o mal como parte integrante da criação na busca pelo Sumo Bem. Já Ireneu de Lião (130-202 d. C.) considera que o mal tem uma função pedagógica (ERICKSON, 2008, p. 443).

A teodiceia desenvolvida por Hick a partir de Ireneu de Lião apresenta o mundo como um desafio criado por Deus para que o homem pudesse buscar seu crescimento moral. Há uma diferença epistêmica entre Deus e homem. O conhecimento e o contato de Deus com o homem não são próximos e imediatos para preservar a liberdade. Deus se esconde do homem para que ele possa escolhê-lo livremente.

Em comparação com a orientação de Agostinho, discutiremos as principais ideias que sustentam a perspectiva de Hick. As principais características da teodiceia ireneana de Hick podem ser assim resumidas: a) Não há um estado original de inocência e de perfeição; o homem foi criado como corrompido e numa situação de distância epistêmica do criador e com autonomia relativa. O pecado seria inevitável. B) Em última instância, Deus é responsável pelo pecado. C) A explicação do mal não está na queda primordial, mas na teleologia da criação. D) O bem que não temos não é um paraíso perdido, mas uma condição que ainda não atingimos (HICK, 1966, p. 326).

Segundo Ireneu de Lião, o homem foi criado como imperfeito e imaturo e passa por um desenvolvimento moral. A queda do homem é tratada diferentemente do sentido agostiniano. O evento ocorreu numa fase de infância da humanidade. O gênero humano vive um processo de progresso moral. Conforme Hick, seria inconcebível atribuir o

princípio do mal a um evento que ocorreu num período infantil da humanidade (HICK, 1966, p. 297).

Antes de expormos as novidades que trazem a contribuição de John Hick, apresentamos primeiro como Agostinho responde ao problema do mal. A sua contribuição é mais difundida, portanto, nós a tomaremos primeiro para depois introduzirmos a perspectiva ireneana.

1 A RESPOSTA DE AGOSTINHO AO PROBLEMA DO MAL

A perspectiva agostiniana encontra-se mais difundida na história e utilizada como base da maioria das propostas de solução do problema do mal. A abordagem do problema do mal mais eficiente, segundo o filósofo da religião John Hick, se baseia na perspectiva de Ireneu de Lião. Hick considera a solução de Agostinho filosoficamente deficiente.

Agostinho de Hipona procura dar uma resposta ao problema do mal para combater a visão do maniqueísmo. Contra os maniqueístas, ele afirma que toda a natureza criada é um bem. Ela não chega à plenitude da bondade porque somente Deus a possui. As coisas criadas participam em graus hierárquicos da bondade e da perfeição. O mal é a corrupção das coisas naturais. Portanto, o mal não constitui um ser, ele é apenas negação do bem (COUTINHO, 2010, pp. 125-126).

O mal não é senão a corrupção ou do modo, ou da espécie, ou da ordem naturais. A natureza má é, portanto, a que está corrompida, porque a que não está corrompida é boa. Porém, ainda quando corrompida, a natureza, não deixa de ser boa; quando corrompida é má (*De Nat. Boni*, 4).

Os maniqueus supunham que o mal teria uma existência ontológica semelhante ao bem. O bispo de Hipona desfaz justamente as bases do pensamento maniqueísta ao negar essa possibilidade. A hierarquia das coisas naturais é necessária para compreender a explicação do mal. Deus dispôs as coisas no mundo segundo uma ordem. As coisas temporais são contingentes e mutáveis. O mal irrompe quando essa ordem é pervertida. O homem faz uso dos bens temporais como se fossem fins em si mesmos. Ao contrário, ele deveria amá-los somente como meios para chegar à verdadeira felicidade que é Deus.

Portanto, o mal ocorre justamente quando o homem dá preferência aos bens inferiores esquecendo-se de que seu destino é buscar os bens superiores. A corrupção da vontade gera a ação má. Foi assim que aconteceu com o primeiro casal descrito no Gênesis ao pecar. A liberdade é a condição para o homem agir fazendo o bem ou mal. Porém, ele poderia não cometer o pecado visto que os anjos possuem livre-arbítrio e não pecam. A origem do mal não reside em Deus, mas na corrupção da liberdade humana (COUTINHO, 2010, pp. 125-128).

A teodiceia de Agostinho se embasa no mito da queda primordial da humanidade de um estado original de bondade. O mal se origina na desobediência dos primeiros homens. O evento da queda é visto de modo catastrófico. A moral ocorre por causa do livre arbítrio de anjos e de homens. Tudo tem suas raízes no uso inadequado da liberdade em um momento pré-histórico.

Agostinho absolve Deus pela culpa do mal, pois desloca a autoria do mal para o abuso da liberdade por parte do ser humano. A etiologia do mal de Agostinho, de acordo com Hick, carece de plausibilidade.

2 A TEODICEIA A PARTIR DE IRENEU DE LIÃO

A teodiceia de Ireneu inverte a situação. A leitura que John Hick faz é que, de modo lógico, situamos a perfeição no final do processo e não no início como propôs Agostinho. Em vez de o homem já ter sido criado provido de perfeição, ele surge como imperfeito e vai se progredindo. A maturidade moral é um processo em construção.

Ireneu afirma que o ser humano é racional, capaz de discernimento e de julgamento. A excelência do bem está no fato de ele ter de ser escolhido e não imposto naturalmente ao homem (*Ad. Haereses*, IV, 37, 6). O propósito de Deus é manter o homem mais livre possível para que ele alcance pelo seu esforço o valor do bem:

Portanto, como bom lutador (Deus) nos anima à luta pela incorruptibilidade, de modo que sejamos coroados e apreciemos a coroa por nós conquistada com a luta e não oferecida de graça. Quanto maior o esforço para obtê-la, tanto mais para nós é preciosa, e quanto mais é preciosa mais a amamos: não se amam da mesma maneira as coisas encontradas por acaso e as encontradas com grande fadiga (*Ad. Haereses*, IV, 37, 7).

O homem recém-criado estava desprovido de disciplina e de treinamento. O homem primitivo ainda era muito novo para ter a perfeição. Assim “o homem paulatinamente progride e se eleva à perfeição” (*Ad. Haereses*, IV, 38, 3). No pensamento de Ireneu, o encontro de Deus está no final de um longo processo evolutivo. O homem galga esse processo por etapas. Todas percorridas livremente.

Era necessário que primeiramente o homem fosse criado, que depois de criado crescesse, depois de crescido se fortalecesse, depois de fortificado se multiplicasse, depois de multiplicado se consolidasse, depois de consolidado fosse glorificado, depois de glorificado visse o seu Senhor (*Ad. Haereses*, IV, 38, 3).

O homem primitivo para Ireneu não vivia em um estado de perfeição como compreendia Agostinho. Ele experimenta um segundo estágio no qual deverá evoluir para se tornar “criança” de Deus. O valor da liberdade é posto em ênfase na teodiceia desenvolvida a partir do pensamento de Ireneu de Lião.

A distância entre homem e Deus faz com que o primeiro desenvolva naturalmente a sua liberdade. Deus não exerce uma presença coercitiva sobre o homem. A sua evolução moral ocorre a partir de seu próprio exercício do livre arbítrio (HICK, 1990, pp. 44-45). A aparente ocultação de Deus perante o sofrimento do mundo não se deve a uma ausência, mas a um distanciamento.

Hick insiste na ideia de que existe uma distância epistêmica entre homem e Deus. Esta distância epistêmica é um conceito importante para compreender a teodiceia de John Hick. Para que os homens pudessem desenvolver seu caráter dentro da liberdade, Deus se distancia do mundo. Se assim não fosse, a ação moral ocorreria sob uma força coercitiva exercida por Deus. A eleição livre dos valores morais depende deste distanciamento entre homem e Deus (MARTIN, 2010, pp. 201-202).

O mal segundo Ireneu é concebido como desobediência a Deus e aquilo que retira a vida. Este é infundido na natureza ao lado do bem para que a alma humana possa experimentar a “dupla possibilidade de conhecer um e outro para que possa escolher o melhor com competência.” (*Ad. Haereses*, IV, 39, 1). A experiência do bem e do mal é condição necessária, na avaliação de Ireneu, para que o homem tenha prazer

em conservar o bem que pôde conhecer. A privação dessa possibilidade não tornaria tudo o que o homem, de fato, é.

3 O PROBLEMA DA DOR E DO SOFRIMENTO

Uma parte considerável do sofrimento humano pode ser atribuída ao uso incorreto da liberdade. Porém, as doenças e os desastres naturais são totalmente alheios à vontade humana. Apesar de tantas possibilidades de prazer, o mundo tem muito sofrimento (HICK, 1990, p. 46).

De modo geral, o sofrimento tem uma finalidade pedagógica, porém, John Hick admite que há excesso de mal no mundo que está além da necessidade de formação do caráter humano. Ele chama este excesso de “excedente disteleológico” e o situa no âmbito do mistério (MARTIN, 2010, pp. 201-202).

Normalmente, as pessoas tendem a considerar que se o mundo tem dor e sofrimento não pode ter sido criado por um Deus bondoso. Esta relação entre criatura e criador é frustrada com a perspectiva de Ireneu de Lião. O mundo foi criado com o propósito de ser um lugar de criação de pessoas livres. Elas possuem tarefas e desafios neste ambiente no qual se desenvolve o segundo estágio da criação (HICK, 1990, p. 46). Não teria como conceber um mundo livre sem a possibilidade do mal.

A existência de um paraíso hedonista nos levaria hipoteticamente a conceber as leis da natureza de modo que nada resultasse em desastre ou dor. Muitos fenômenos teriam de ser controlados quase magicamente. O paraíso primordial é um desejo impresso em diversos relatos míticos como se pode identificar nos versos de Hesíodo: “Oculto retêm os deuses o vital para os homens; senão comodamente em um só dia trabalharias para teres por um ano, podendo em ócio ficar; acima da fumaça logo o leme alojarias” (*Erga*, vv. 42-45). Vislumbra-se o estado primordial da humanidade como um período em que o homem não teria necessidade de trabalhar e penar para sobreviver. Mas como punição os deuses retiraram essa condição do homem.

O relato bíblico do Gênesis considera que o homem paradisíaco estava livre de alguns incômodos como cultivar o solo para a sua subsistência (Gn 3, 17), as dores do

parto (Gn 3, 16).¹ Mas com o ato da desobediência o homem tem de viver em um mundo povoado por dores e sofrimentos, um verdadeiro “vale de lágrimas”.

Neste desejo de um mundo paradisíaco, as leis da natureza seriam alteradas e tudo seria guiado por uma espécie de providência controladora. A gravidade e as propriedades da matéria oscilariam de acordo o propósito de evitar sofrimento ao homem. A objetividade do real seria anulada. Porém, nesse mundo os conceitos morais que conhecemos seriam desprovidos de significado. Seria impossível falar de valores morais e de desenvolvimento do ser humano. Hick considera que este mundo imaginável seria o pior dos mundos possível (HICK, 1990, p. 46).

Segundo Ireneu, somente em um mundo como o real tornaria possível que pessoas livres se aperfeiçoassem e se tornassem “crianças de Deus”. Os desafios do mundo real evocam no ser humano atitudes nobres e morais. Os obstáculos geram força, os perigos geram coragem e altruísmo. Dos contrários, surgem os valores nobres.

Conforme a leitura que John Hick faz da perspectiva ireneana, Deus age como um pai cósmico que guia o processo de amadurecimento da humanidade. E isso exige o sofrimento. A ausência do sofrimento impediria o desenvolvimento das virtudes. O mal tem, portanto, um propósito espiritual. Ele torna possível a formação espiritual das pessoas. Porém nem todo sofrimento tem valor construtivo como já acenamos para o “excedente disteológico”. A estrutura do universo contribui para que o homem internalize a bondade divina e tenha consciência de sua semelhança com o divino.

Hick define o universo como um lugar de formação de almas. A partir desse termo, ele nomeia também a sua teodiceia de formação de almas (*making-soul' theodicy*). O processo de formação de almas consiste em fazer o homem passar da vida biológica (*bíos*) para a vida eterna (*zoé*). A consecução deste fim exige uma trajetória de amadurecimento da qual fazem parte o sofrimento e o mal. Para o homem desenvolver toda a sua potencialidade, o mal foi planejado por Deus com um fim pedagógico. O universo seria uma escola para o desenvolvimento da semelhança divina potencial que o homem traz consigo (SCOTT, 2014, pp. 24-28).

¹ A versão utilizada é a Bíblia de Jerusalém. 3ª impressão. São Paulo: Paulus, 2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teodiceia ireneana desenvolvida por John Hick sofre o mesmo desafio das demais propostas de solução ao problema do mal. Ela não dá conta de resolver o excesso de mal que existe no mundo. Se o mal é pedagógico, por que existe mais sofrimento do que lições aprendidas? A marcha da evolução moral humana é muito lenta diante da quantidade de atrocidades. O Holocausto deveria ter sido uma experiência única para a humanidade não repetir erros que repetiu posteriormente. Porém, vence o impasse de muitas teodiceias que evitam a todo custo a relação do mal com a bondade divina. Em última instância o mal é atribuído a Deus.

O conceito de distanciamento epistêmico é um argumento plausível porque permite pensar a liberdade humana e as leis da natureza dentro de um espaço de autonomia. Uma autonomia compatível com o pensamento moderno. Não se trata de uma ausência de Deus, mas de um distanciamento necessário para que o homem evolua naturalmente e a partir das suas escolhas. Se fosse uma ausência de Deus, teríamos uma teodiceia sem Deus.

Outro destaque é para a utilização da percepção psíquica de que depois de um tormento ou de um incômodo, tendemos a valorizar os momentos de prazer. Ireneu de Lião maximiza essa condição para explicar que uma das funções do mal que é apontar a irresistibilidade do bem e o gosto por conservá-lo. Para certa classe de males os argumentos são válidos, porém, esta consideração do mal como necessário pode levar a instrumentalização da história e de práticas humanas cruéis. Entre pontos fortes e fracos, a teodiceia ireneana é uma alternativa interessante a ser explorada.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *A Natureza do Bem*. Tradução de Carlos Ancede Nogueé, apresentação Sidney Silveira. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. (*De Nat. Boni*).

COUTINHO, Gracielle Nascimento. *O Livre-arbítrio e o Problema do Mal em Santo Agostinho*. In: *Argumentos*, ano 2, n. 3, 2010.

ERICKSON, Millard. *Teologia Sistemática*. Colección Teológica Contemporánea. Barcelona: Editorial Clie, 2008.

HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. Introdução, tradução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996. (*Erga*).

HICK, John. *Evil and the God of Love*. New York: Harper & Row, 1966.

_____. *Philosophy of Religion*. New Jersey: Printence Hall, 1990.

JERUSALÉM, Bíblia de. 3ª impressão. São Paulo: Paulus, 2004.

LIÃO, Ireneu de. *Contra as Heresias: Denúncia e Refutação da Falsa Gnose*. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2014. (*Ad. Haereses*).

MARTIN, Michel (Ed.). *Introducción al Ateísmo*. Madri: Ediciones Akal, 2010.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar o Mal na Nova Situação Secular*. *Perspectiva Teológica*, n. 33, 2001.

SCOTT, Mark S. M. C. S. *Lewis and John Hick: An Interface on Theodicy*. *Journal of Inklings Studies*, vol. 4, n. 1, abril 2014.